

PRESERVANDO A UNIDADE DO ESPÍRITO NO VÍNCULO DA PAZ

EFÉSIOS 4.1 A 6

INTRODUÇÃO

Paulo, o “prisioneiro (de Cristo) no Senhor” – 3.1 e 4.1 – escreve de Roma, provavelmente no ano 62 AD, aos cristãos que vivem em Éfeso, capital da província romana da Ásia, uma igreja constituída por judeus e gentios convertidos ao evangelho de Cristo.

A situação religiosa em Éfeso era marcada por uma tensão entre os dois grupos que integravam a comunidade da fé. Nesta havia os cristãos de origem judaica, com seus ritos procedentes da religião judaica e os cristãos procedentes do paganismo com seus ritos e costumes pagãos.

Paulo enfatiza a cristologia (quem é Jesus), a soteriologia (como Jesus nos salva) e a eclesiologia (a doutrina da nova comunidade – a igreja 2.22 e 23) como elementos importantes de sua argumentação a respeito da necessidade de um viver coerente com a “vocação que receberam” – verso 1.

DESENVOLVIMENTO

A preocupação de Paulo era no sentido de que os irmãos de Éfeso entendessem a importância de eles traduzirem em vivência a fé que professavam em Cristo. Esse viver de modo digno – próprio, conveniente, de conformidade – com a vocação celestial é um viver em:

- 1) unidade, 4.1 a 3;
- 2) santidade, 4.20 a 24; e
- 3) caridade, ou amor – 5.1 e 2; segundo John Stott.

No início do capítulo 4 – versos 1 a 6 – Paulo se ocupa com a unidade. A unidade é essencial para que vivamos em santidade e caridade. Essa unidade é a “unidade do Espírito” – verso 3 – ou seja, aquela unidade que é criada e concedida a nós pelo Espírito Santo – 1Co 12.13.

Paulo está rogando – pedindo, suplicando, solicitando encarecidamente – que os cristãos de Éfeso “façam todo o esforço”, ou seja, se empenhem com dedicação e zelo, sejam diligentes em – para conservar – preservar, guardar – a unidade do Espírito pelo vínculo – laço, ligamento, aquilo que une uma coisa à outra – da paz. Não há nenhuma exortação a que se crie uma unidade. Só há uma unidade a ser preservada, aquela que é “do Espírito”, aquela unidade provida pelo Espírito que nos faz um em Cristo.

Além de exortar os cristãos de Éfeso a que se empenhem por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz ele fornece uma lista contendo as virtudes necessárias para a manutenção da unidade. Segundo ele, somente pelo cultivo dessas virtudes será possível cumprir a orientação apostólica de preservar a unidade do Espírito e assim “viver de modo digno da vocação com o qual fomos chamados”.

Essas virtudes são:

Humildade; 2) Mansidão; 3) Longanimidade; 4) Mútua Tolerância em Amor.

Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor – Ef 4.2 (NVI)

1) HUMILDADE

Para BRATCHER e NIDA, humilde é “*aquela pessoa que reconhece que todos são de igual valor perante Deus*” (1982, p. 94). Em relação a Jesus Cristo, FOULKES opina, “...*devido ao fato de que o cristão é chamado a seguir Seus passos, a humildade possui uma parte insubstituível no caráter cristão*” (1986, p. 90).

STOTT (1986, p. 105) conclui de maneira excepcional seu comentário acerca do termo em apreço:

...a palavra que Paulo emprega aqui /.../ significa ‘humildade de mente’, é o reconhecimento da dignidade e do valor de outras pessoas, a mentalidade humilde que havia em Cristo, que o levou a esvaziar-se a si mesmo e tornar-se um servo. Ora, a humildade é essencial à unidade. O orgulho fica espreitando por detrás de toda discórdia ao passo que o maior segredo individual da concórdia é a humildade.

Ser humilde (modesto) significa pensar a respeito de si mesmo com moderação:

Pois pela graça que me foi dada digo a todos vocês: ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, pelo contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu – Rm 12.3

Para Jonathan Edwards, a humildade evangélica, aquela produzida pela aceitação do evangelho, é uma desistência consciente de qualquer presunção. Segundo Edwards, os verdadeiros cristãos “*exibem uma humildade própria do evangelho e sabem que eles são pequenos diante da perfeição que eles devem buscar*”. Aquele que demonstra a presença da humildade evangélica renuncia a toda propensão natural à auto-exaltação. Esta última virtude somente pode ser evidenciada na experiência dos verdadeiros santos.

2) MANSIDÃO

No NT o termo ocorre em Mateus, Atos, epístolas paulinas e Tiago. A terceira bem-aventurança define esta virtude como essencial à entrada no reino de Deus e a posse efetiva da nova terra – Mat. 5.5; Jesus se definiu como “...*manso e humilde de coração*” – Mat. 11.29. Para Paulo essa virtude deriva de uma atitude mental que depende exclusivamente da vontade humana, embora ainda a veja, nalguns casos como um dos frutos do Espírito Santo – Gl 5.23. Não é um aspecto do temperamento humano, é sim, uma virtude cristã a ser cultivada. (BROWN, 1982, p. 383 – 386).

SPENCE e EXELL (1977, p.160) observam que “*há uma conexão natural entre mansidão e humildade porque ambas, invariavelmente, caminham juntas*”. E LENSKI conclui afirmando que humildade e mansidão são virtudes irmãs porque ambas expressam “*atitudes da mente*” (1946, p. 507).

3) LONGANIMIDADE

Este substantivo feminino é composto por μακρος - lit. “*longo*”, “*distante*” e θυμος - lit. “*ira*”, “*fúria*”, assim o longânimo é aquele que evidencia um “*prolongado refrear da ira ou da agitação*”. Sempre houve um forte elemento de resignação no termo. Ele expressa a persistência ou disposição inabalável em aguardar os eventos ao invés de procurar forçá-los.

Na LXX, obedecendo a conotação estritamente psicológica da frase hebraica *erek appayim* – lit. “*lento à ira*” os tradutores empregaram o termo μακροθυμία quase que exclusivamente a Adonai, cujo atributo é próprio – Nm 14.18; Sl 86.15, 103.8; Jl 2.13 e

Na 1.3. É na literatura sapiencial que o termo é mais amplamente usado para referir-se a uma virtude que pudesse ser também humana – Pv 14.29, 16.32 e 25.15.

No NT ele passou a ser usado como uma característica daqueles que, à semelhança de Jesus, usam de clemência com o próximo. O texto de Mateus 18.21 a 35 é um exemplo clássico deste uso. Nos escritos paulinos ele assume um caráter mais imperativo. O apóstolo geralmente fornece o exemplo divino e o seu próprio a fim de incentivar os irmãos à longanimidade – 2Tm 3.10 e 4.2 (BROWN, 1983, p. 374-378). A longanimidade opõe-se à irascibilidade e corresponde à atitude do homem que é tardio em irar-se – Tg 1.19, o qual suporta a injúria e o insulto sem retaliação. É *“aquela paciência para suportar injúrias de outras pessoas”* (LIGHTFOOT in: RIENECKER e ROGER, 1995, p. 383)

4) MÚTUA TOLERÂNCIA EM AMOR

O verbo *ανεχομαι* está flexionado no tempo presente do modo participio, na voz média indicando, pelo termo *αλληλων* que o segue, mutualidade. O prefixo *ανα* empresta ao termo vastos sentidos – *“levantar”, “honrar”, “reter”, “ressaltar”, “cessar”, “perseverar” e “suportar”*. Na LXX ele traduz os termos hebraico que expressam a ideia de *“refrear”* alguma ação ou emoção – Gn 45.1; Jó 6.10; Is 1.13 e 42.14.

No NT o verbo é de difícil definição. O que se observa é que geralmente a longanimidade aparece associada à ideia de suportar, também o substantivo pronominal *αλληλων* geralmente acompanha esta expressão ressaltando seu caráter recíproco. Quanto à frase final *εν αγαπη* – *“em amor”*, BROWN observa, *“é no amor que a mútua longanimidade se efetiva”* (1983, p. 370-373)

HODGE (1982, p. 200) acha que *“as três virtudes, humildade, mansidão e longanimidade, são todas ilustradas e manifestas nesta mútua tolerância”*. É a frase final *εν αγαπη* *“em amor”* que dá o sentido ou a base para a tolerância cristã (BRATCHER e NIDA, 1982, p. 94). Suportar é antes de tudo uma qualidade divina – Rm 2.4. É a manifestação prática da longanimidade. Segundo FOULKES (1986, p. 91), que cita ABBOTT, significa:

...ser clemente com as fraquezas dos outros não deixando de amar o próximo ou os amigos, devido àquelas suas faltas ainda que, talvez nos ofendam ou desagradem. Essa clemência, e na realidade todas essas qualidades, são possíveis apenas em amor. Porque o amor consiste na atitude básica de procurar o melhor que há para os outros e, assim, levará o homem a possuir todas estas qualidades e incluirá todas elas.

CONCLUSÃO

KEATHLEY, em seu artigo *The Unity of the Spirit*, assim se expressa:

O pecado é uma força destrutiva, ele sempre divide, separa e estilhaça /.../ O objetivo central da salvação, num sentido, é re-unificar, trazer junto novamente, reconciliar, restaurar a unidade que Deus criou antes do pecado e a Queda ter produzido esta terrível destruição entre Deus e o homem, entre os homens e no próprio homem /.../ Esta unidade que nós temos em Cristo é parte do grande desígnio. Assim, uma das peculiares marcas da vocação cristã é preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.